

# *Prosa & Verso*

## 2022



1ª Edição

PoeArt Editora  
Volta Redonda – RJ

Copyright © 2022 by dos autores

**Patrono:**

Manoel Bandeira

**Presidente:**

José Huguenin

**Vice-presidente:**

Lourildo Costa

**Coordenação Editorial:**

Jean Carlos Gomes

**Revisão**

Os autores

**Diagramação & Design**

Carlos Eduardo Ferreira Avila

**Fotos da Capa**

Nikson Salem

**Impressão**

Gráfica Drumond, agosto de 2022

**Esta edição impressa foi patrocinada pelo GACEMSS e pela PoeArt editora**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bruno Alves de Andrade CRB 7ª/7074

Prosa & Verso da Academia Volta-redondense de Letras

Organizador Jean Carlos Gomes (1979).1ª ed.–Volta Redonda, RJ: Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda., 2022.

60 p.: 21 cm.

ISBN: 978-65-86744-59-0

1. Poesia 2. Poesia Brasileira.3. Prosa. II. Título.

CDD- B869.91

*A cultura como identidade, amparo, deleite e valor precisa ocupar o seu lugar. Para isso, terá que atualizar a sua linguagem, seus signos e conceitos, à luz da vivência contemporânea. Pode ser exagero falar em ressignificação, mas não se pode negar a dicotomia entre a atual busca de sentido e a demanda pelo saber.*

*O conteúdo on-line ainda nos parece fugidio, impalpável, em relação ao livro, de cuja disponibilidade temos certeza quando o colocamos em nossa estante para uma cuidadosa e duradoura pesquisa.*

**Vicente Melo (19.7.1945 – 31.7.2021),**  
jornalista e ex-presidente  
da Academia Volta-redondense de Letras.



## Sumário

Apresentação .....	7
Angeli Rose.....	8
Charles Nunes.....	9
Edmilson Naves.....	11
Elisa Carvalho.....	13
Elyane Lacerdda.....	15
Giovani Miguez.....	19
Guto Mello.....	24
Jean Carlos Gomes.....	27
José Huguenin.....	30
Lee Brasil.....	35
Leonor Vieira-Motta.....	37
Lourildo Costa.....	39
Lucia Araujo.....	41
Márcio Castilho.....	45
Mércia Christani.....	47
Regina Vilarinhos.....	48
Rodrigo Hallvys.....	49
Stael de Oliveira.....	50
Dados Biográficos.....	54
Membros Efetivos.....	59
Membros Correspondentes.....	60



## APRESENTAÇÃO

Com muita satisfação entregamos aos leitores a Antologia *Prosa e Verso* 2022, o quarto livro da *Coleção Prosa e Verso*, cuja missão é registrar e tornar acessível trabalhos literários e acadêmicos dos membros da AVL.

A organização deste livro, pode-se dizer, foi coletiva uma vez que a estratégia de escolha dos textos foi convidar os atuais membros a escolherem textos de sua autoria. O leitor tem em mãos textos que os autores desejaram partilhar neste registro.

Os textos em *Prosa* são diversificados, havendo contos, muitos deles recentemente escritos, o que dá à coletânea ares de novidade. Também são apresentadas crônicas. Já os textos em *Versos* apresentam reflexões variadas e instigantes.

Podemos ver exuberância e agudeza nas obras aqui apresentadas. Só nos resta desejar uma boa leitura!

Volta Redonda, maio de 2022.

**Jean Carlos Gomes,**

Coordenador Editorial da AVL.

# Angeli Rose

## MULHER DA VIDA

*À memória de Lélia Gonzalez*

Sou mulher da vida  
Estou na vida  
Sou pela vida  
Dona de minha vida  
E luto pela vida  
A vida de toda mulher  
em vida  
Antes que passe pela vida  
sem vida qualquer mulher  
e sem experimentar a vida.

Sou mulher, da vida, amante.  
Rechaço todo aquele  
que tira a vida militante  
Ainda mais de uma mulher  
com vida  
e, de intensa garra, provida

Seja mulher da vida  
como outras cheias de luz  
Mulheres plenas, assenhoradas.  
E prima-dona de sua vida

– Vida minha, por quê?  
Quer ter a minha vida nua  
se a tua sina é ser esta vida tua?

Sê mulher da vida! Toda tua!



# Charles Nunes

## O TRENZINHO PIUÍ

"Piuí, piuí. Piuí a-ba-ca-xi." O trenzinho brincava com seus amigos no terreno da estação. Ele sonhava com o dia em que iria viajar e conhecer lugares novos.

Durante o dia, ele brincava até cansar. Mas antes de escurecer, corria pra casa, porque tinha medo do escuro. O medo era tanto, que ele dormia com a luz acesa.

Quando o trenzinho fez sete anos, ganhou de presente uma viagem. Ele acordou bem cedinho e olhou para os seus três vagões.

O vagão vermelho estava cheio de pessoas. O amarelo, de flores coloridas. Mas no vagão azul ele não viu nada, porque estava fechado. Ele não sabia o que tinha lá dentro.

"Prontos para a viagem?", disse o maquinista. E tocou o apito. 'Piuí, piuí... piuí a-ba-ca-xi!', fez o trenzinho. E começaram a viagem.

O trenzinho começou devagarinho. E foi acelerando aos poucos. "Que ventinho gostoso!", disse ele. Os passageiros gostaram do vento também.

Aos poucos, ele foi acelerando, porque queria chegar ao destino antes do anoitecer. (Sabe como é, né... ele tinha medo do escuro.) Ele correu tanto, mas tanto, que acabou errando o caminho. Quando o maquinista percebeu, puxou o freio com toda força.

Tsh-tsh-tshhh! Foi o maior barulhão. Os passageiros levaram um susto. O trenzinho voltou de ré até pegar o caminho certo.

Depois de pegar o caminho certo, foi acelerando devagar, pra não errar outra vez. Ele percebeu que a direção é mais importante do que a velocidade.

Chegando na primeira estação, o trenzinho parou. Um grupo de pessoas desceram e abraçaram outras que estavam esperando. Mais pessoas entraram, e a viagem continuou.

"Na vida é assim também," pensou o trenzinho. "Uns chegam, outros se vão, e alguns seguem com a gente por toda a vida. No final, tudo fica bem."

Seguindo a viagem, o trenzinho sentiu o suor descendo na testa. Afinal, era quase meio-dia!

Chegando na segunda estação, foram esvaziar o vagão amarelo. As flores foram levadas uma a uma - até que o vagão ficou vazio. O

trenzinho viu que as flores foram levadas para a sombra. Que bom! Depois de tanto calor, iam poder descansar e beber água.

"Na vida é assim também", pensou o trenzinho. "Às vezes a gente tem que aguentar o calor até encontrar uma sombra. No final, tudo fica bem."

Seguindo a viagem, ele viu campos verdinhos, plantações imensas e montanhas bem altas.

Ele viu rios, riachos, cavalos pastando e patinhos nadando. Sentiu até o cheiro do café sendo torrado numa fábrica. E ouviu muitos passarinhos cantando também.

De repente, o tempo virou. Trovões e relâmpagos riscaram o céu, e começou a cair um temporal. E como já estava ficando tarde, ele começou a sentir medo. A noite ia chegar, e ele ainda tinha muito caminho pela frente.

O trenzinho olhou para um lado, olhou para o outro, não viu nenhum poste de luz. Lá na frente, ele viu um túnel. E ele nunca tinha passado por um túnel na vida.

"O túnel deve ser muito escuro", pensou. E começou a tremer de medo.

A chuva caindo, a noite chegando, o túnel se aproximando... nosso amigo não sabia o que fazer. Tudo era muito novo pra ele. Mas o maquinista estava tranquilo. Ele sabia o que fazer.

Antes de entrar no túnel, o trenzinho fechou os olhos. Não queria ficar no escuro. Foi aí que teve uma surpresa: o maquinista acendeu os faróis. O trenzinho abriu os olhos - um de cada vez - e viu que a sua própria luz iluminava o túnel.

Na saída do túnel, o trenzinho viu que já era noite. Mas como ele descobriu que tinha luz própria, seu medo foi diminuindo.

"Na vida é assim também," pensou o trenzinho. "Quando a gente descobre que tem luz própria, afasta a escuridão ao nosso redor. No final, tudo fica bem."

O trenzinho se animou de novo. Logo, logo, viu de longe a estação de destino. Ele foi parando devagarinho. E enquanto os passageiros desciam, o maquinista abriu o vagão azul. Sabe o que tinha lá dentro? Caixas e mais caixas de livros. Elas foram levadas com cuidado - uma a uma, até que o vagão ficou vazio.

"Que viagem gostosa!", disse o trenzinho. E fechou os olhos pra descansar. Dessa vez, ele apagou as luzes - pois não sentia mais medo do escuro.

A viagem tinha sido muito boa mesmo.

# Edmilson Naves

## MANHÃ DE INVERNO

Ele acordou às cinco da manhã e rolou por 10 minutos na cama, mas levantou-se devagar. Foi ao banheiro, lavou o rosto com a água fria naquela manhã de inverno de 30 de junho, retornou ao quarto e sem fazer barulho, trocou de roupa procurando não acordar Eva, pois a mulher havia acordado no meio da noite para amamentar o pequeno Edgar caçula dos três filhos.

Trocado de roupa foi à cozinha esquentar o leite, o café estava na garrafa térmica, a mulher havia feito após o jantar.

Quando o leite esquentava foi até à estante da sala e pegou a conta da água e a conta de luz para pagar na hora do almoço numa loteria perto do trabalho. Era pedreiro e já estava a quatro anos na empreiteira, hora trabalhava perto de casa, outra longe. Voltou à cozinha rápida para desligar o fogão, antes que o leite pudesse subir e sujar o fogão outra vez, como acontecia sempre.

Sentou à mesa e passou margarina com gosto nos dois lados do pão de sal dormido, ao mesmo tempo preparou mais um pão e enrolou num saquinho plástico, seria para o café das 10 horas, afinal o desgaste era grande. Comeu o pão e bebeu café com leite meio que trêmulo de freio, afinal, era uma manhã fria de inverno.

Terminado o café, arrumou a mochila e foi na área dos fundos da casa e tirou a bicicleta do quartinho de bagunça e a levou para frente da casa. Voltou para os fundos, entrou na cozinha e fechou a porta e voltou para o quarto, beijou o pequeno Edgar e também Eva, ela meia que dormindo deu um bom dia e voltou a dormir. Passou no outro quarto e beijou os dois meninos e ajustou o cobertor sobre os meninos, passou pela sala saiu e fechou a porta e em seguida o portão.

Ajeitou a mochila nas costas e saiu pedalando a bicicleta pela rua de terra dobrando a esquina seriam dez minutos até a BR onde pedalaria cerca de 20 minutos até a entrada do parque industrial onde estava prestando serviço. Pedalou um pouco forte na subida para a BR, entrou no asfalto liso e novo, seguiu pelo canto da pista lado a lado com a

faixa branca da pista que só avistava por dez metros à frente devido a neblina, só se via uma nuvem branca à sua frente e pela parte de trás. Os veículos passavam na velocidade máxima, dois minutos mais tarde Antônio não pôde perceber uma luz forte e em seguida foi arremessado a mais de oito metros de distância.

Polícia, ambulância e curiosos, o sol já estava nascendo e, duas horas depois, Eva chegava junto ao corpo desesperada com os três filhos e reconhecia o corpo estendido no asfalto. Antônio morreu em trinta de junho numa manhã fria de inverno.

# Elisa Carvalho

## DAS RECOMENDAÇÕES DO AMOR

Uns dizem que tenho facilidade em escrever.  
Outros me perguntam sempre onde eu estava quando fui instrumento gerador da poesia que acabaram de ler e sentir.  
Eu, leitora ávida que sou de tudo que se resume em boas palavras admito que não tenho facilidade em escrever e não vou a lugar nenhum na hora da concepção poética.

O poema é que me encontra facilmente dando bandeira por aí.  
Ele é o locador das minhas novas oportunidades.  
Todos os lugares possíveis de serem vividos, penetram em mim.  
Sou cavalo do Verso que é minha entidade.  
Estou a serviço da alma inventada em forma de canção,  
mucama feliz com identidade  
tecendo o manto com linha fina  
que veste a minha nossa senhora da Inspiração.  
Sofro com os olhares mal resolvidos  
alegro-me com os amores bem recebidos  
sou cria da esfera das possibilidades  
todos os dias mato um pouco  
aquilo que me faz pensar na vaidade  
de que tudo o que tenho é do “meu”  
O amor recomenda ser intenso, sem ser embaraço  
e estando a seu dispor  
o que se escreve nas linhas que traço  
é também teu, é dela,  
é nosso.  
É no coletivo que cresço  
por isso digo em princípio  
em origem de tudo que se faz em nome dele,  
todas as chances que mereço  
vem dos “outros”  
vem dos indiretos carinhos,  
vem dos atalhos que fazem com que  
cada verso, lá no fim da estrada  
não chegue sozinho.

## A POESIA QUE ME FALA

A poesia que me fala  
não é aquela produzida  
na elite dos apartamentos,  
nas mãos engomadas dos iniciantes  
que fabricam versos  
por caprichos da filosofia da página vinte e um  
no capítulo quatro da enciclopédia dos bancados estudantes.

A poesia que me fala  
tem cheiro de capim molhado  
do orvalho das manhãs,  
tem a sabedoria da preta velha  
agachada ao lado do fogão de lenha  
soprando o borralho,  
tem o tempero da comida simples  
feita com sal, dois dentes de alho e muito amor inocente.

A poesia que me fala é igual a gente,  
anda descalça  
corre nas glebas da terra sulcada  
toma banho de cachoeira em tarde ensolarada  
veste saia de chita  
nos cabelos são amarelos os laços de fita  
e vai pra janela acenar para os viajantes  
a poesia que me fala  
não combina com gramática pedante.

A poesia que me fala  
sobe na árvore pra colher o fruto,  
come feijão com angu, torresmo e couve fininha  
faz do toco de vela providencial  
um venerável foco de luz  
e sabendo-se filha ocidental  
ajoelha-se aos pés da santa cruz.

A poesia que me fala  
tem sanada as marcas da luta  
não sabe ser osso de ofício quando me diz  
que sou dela sua aprendiz,  
assim eu sei que Deus me escuta.

# Elyane Lacerdda

## ACORDEI...

Numa posição fetal...

O corpo todo enroscado, meio embrião...

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança de que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

Tive medo de chegar à janela, e não avancei.

Tive medo dos carros, dos ônibus, dos monstros...da poeira...do asfalto!

Eu tive medo e voltei... Voltei para mim.

Lá fora tudo é muito escuro, me apavora! Lá fora mora o mundo, eu o temo, como temo a morte! Curvei-me como uma velha! Cansada de existir, de ver os carros...Os ônibus...Os monstros... A poeira... O asfalto!

Fiquei angustiada, tive vontade de vomitar a Terra...Os pequeninos homens.

Voltei para o quarto, acendi a luz, e então me senti protegida dos carros...Dos ônibus...Dos monstros...Da vida...Da Morte!...

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

O dia foi passando rapidamente, não percebia, apenas tinha a certeza de que não conseguiria vencer a apatia perante a sensação estranha que me invadia e a realidade que reinava no mundo. Era muito triste olhar pela janela da sala e não acreditar que o mundo havia parado literalmente, o Sol brilhava, mas faltavam as pessoas, as vozes pelas ruas, os vendedores ambulantes, não havia escolha, apenas calar... mas não nasci assim e questiono tudo o que me rodeia e observo, não

consigo olhar sem procurar ver além...escrever me fascina por esse motivo, através das palavras posso me posicionar e levar às pessoas algumas questões, que muitas vezes passam despercebidas.

A necessidade de reinventar-se é clara e não podemos parar de raciocinar nunca, somos movidos pela razão, apesar da emoção nos conduzir em alguns momentos e até nos provocar atitudes meio insanas rrsrrsrs porque quando agimos com o coração, nem sempre fazemos o “melhor”, mas somos impulsionados a tomarmos atitudes repentinas e até podemos nos arrepender num futuro breve.

Ando pelo apartamento procurando um espaço, mas não consigo definir onde escrever, ler, dançar, ouvir música, assistir a um bom filme ou apenas pensar...lembro dos meus amigos e os procuro todos os dias pelas redes sociais porque quero me certificar de que estejam bem... com saúde e longe dessa “Pandemia!”

O isolamento nos separa, mas não nos afasta porque somos movidos pelas nossas lembranças e os verdadeiros companheiros estarão sempre conosco, até mesmo nessa guerra biológica que se instalou no Planeta Terra!

Não sei viver sem abraçar, beijar e dar gargalhadas...sempre fui comunicativa ao extremo e gosto muito de ouvir as pessoas, sinto prazer em poder dar uma opinião e tentar amenizar dores alheias.

O ser humano é totalmente dependente da comunicação entre si, não há como sobreviver sem família, amigos, colegas, internet, estamos todos na mesma embarcação que nos levará a um futuro desconhecido, mas que acreditamos ser “melhor!” Que essa experiência com a solidão nos leve a entender que “nada somos” sozinhos, e que tudo podemos, quando nos unimos!

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança de que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

A noite chegou... uma lua gigantesca, estrelas brilhando no infinito e o coração acelerado... toc...toc...toc...

Acordei...

Numa posição fetal, o corpo todo enroscado,

Meio embrião...



## UM POEMA PARA O FUTURO

Escrevo hoje  
No passado presente  
Para que um Leitor  
Amante da nossa vida Vivente  
Pensante e Pandêmica  
Sinta a dor que aperta meu peito  
Desola meu ser  
Impede minhas retinas  
De abraçar...olhar...sentir...  
As mãos quentes dos amigos  
Nas noites  
Em que há tempos  
Sentávamos nos “pubs”... bares noturnos  
Dançávamos e falávamos lindos poemas  
Tempo passado  
Lembrado e sonhado... Presente  
Tempo futuro  
Ainda não alcançado  
T E M P O  
Escrevo no sentido

A TEMPORAL  
Para que o homem de HOJE  
E o de AMANHÃ  
Tenha registrado em sua mente  
O TERROR de minha geração  
Cansada das Máscaras  
Que escondem o sorriso  
A alegria...  
Escrevo  
Para um ser FUTURO  
Porque no PRESENTE  
Somos robôs que se despem

Da alma  
Que se engaja na tristeza...  
Solidão que se inflama  
E arde em nossas entranhas  
TEMPO  
De valorização INTERIOR  
TEMOR  
Tempo presente  
SOMAR  
SONHAR  
Avaliar  
Observar  
AMAR sempre...  
TEMPO de Guerra  
Escrevo HOJE  
Para que o AMANHÃ  
Seja complacente  
Com nossas feridas  
Escrevo para a E T E R N A H U M A N I D A D E...

# Giovani Miguez

## SUTURAS E PROSAS MÍNIMAS: reflexões da última primavera

**POR PURO DESCUIDO.** Pela janela aberta, um vento frio invade a casa e me atinge com suas sujidades. Na cama, desesperado, salto tentando evitar o desastre. Era tarde. O quarto estava imundo. Eu, nu, exposto diante da vidraça translúcida arreganhada, ainda assim, apesar do corpo cheio de imperfeições, sentia-me limpo, puro e vívido diante do gozo que me fizera leve. (25.11.2021)

**DOLCE FAR NIENTE.** Uma flor seca dentro de um livro antigo, apesar de morta, vivia e, ao viver, testemunhava um amor que pouco se sabia. Na *marginália* do livro, um nome - Dulce - dava pistas sobre aquela história que perdeu-se na memória de alguém que não saberei quem, como não sei saberei quem foi Dulce. Mas, sei que aquele instante será levado para minha estante de delicadezas insistentes. (25.11.2021)

**MERCADORIA BARATA.** Era dia, mas a noite ainda pairava sobre as cabeças que pelas vielas transitavam. Os corpos estavam esparramados pelo mangue que fazia limite com a comunidade. “Eram bandidos”, disseram. A via deles, ao menos, era bandida, tenho certeza. No noticiário dividiam-se os humanistas, os fascistas e, em grande maioria, o indiferentes. a morte do preto não choca mais. a carne preta segue sendo mercadoria barata no mercado do ódio que divide a classe. (26.11.2021)

**CONFESSIONÁRIO ÍNTIMO.** É preciso confessar nossas indignidades. Não ao padre ou algoritmo. Mas, a nós mesmos. Ser ciente das nossas mazelas. Não repeti-las. Fazer autocrítica. Deixar de lado essa confusão ética, essa distorção estética. Fazer da vida cínica um remédio para tornar o nosso existir um ponto nédio a seguir na imensa escuridão. (26.11.2021)

**APAGAMENTO.** Ele quase nunca, tinha o que comer, mas, sempre tinha um sorriso para oferecer ou um jornal para ler. Sabia que naquela senzala sem tetos e sem paredes a sua dignidade dependia daquilo que tinha de melhor para oferecer: sua potência de vida. Apesar de uma

existência perdida, de uma vida tão ferida e de sua condição inumana, ele era capaz de tocar cada alma humana que, apressada, pela rua passava. Foram dias entre acolhidas e censuras até que um dia passou a existir apenas como sutura na minha poesia. (26.11.2021)

**NA ESTÉTICA REAL.** Nego-me a ter interesse apenas nas belezas da vida. Navego pela solidão, caminho pela escuridão e passeio pela dor. Por isso, insisto, minha poética é, em certo sentido, uma terapêutica que tenta fazer-se ética dentro da estética real, não apenas naquilo concebido como ideal. Se como poeta minto, o faço porque sinto e sentindo tento dar a esse sentir algum sentido sobre o que não pode ser compreendido apenas pela inteligência. (26.11.2021)

**ESTRANHA INFLUÊNCIA.** Está tão frio, apesar do sol. Um calafrio estranho me toma desde os primeiros raios que romperam a cortina do quarto e aportaram sua luminosidade na minha face adormecida. Se fosse crente, diria ser algum presságio, mas há alguns anos passei desse estágio e, hoje, tomado pela arrogância da razão, deixo para a ciência essa tomada de consciência. Deve ser um vírus que no meu corpo se expressa, com pressa apesar da minha falta de pressa em procurar alguma solução para esta situação. (26.11.2021)

**VIVER É MORRER.** Ele começou a morrer no momento exato em que tomou a vida em suas mãos. Sempre foi um dilema estranho precisar viver na medida em que avançava, inevitavelmente, para os braços enquanto ia desenhando com a máxima dignidade possível da morte. “Viver é morrer”, pensava. Assim, morreu dia após dia aquilo que muitos chamavam de vida, mas que para ele não era nada mais que morrer. (26.11.2021)

**OS LIVROS SEM ESTANTE.** Tenho muitos livros importantes, mas encaixotados, aprisionados dentro de um armário, alguns lidos, outros relidos, muitos não lidos... ainda assim, livros aprisionados. Por que é tão difícil desapegar dos livros? às vezes, desapego por pensar ser um desrespeito com o autor mentê-los aprisionados. Noutras, apego, porque desejo sua companhia algumas vezes mais. Por entender que ainda preciso revisitá-los para honrar sua escrita e dela fazer minha alquimia. (28.11.2021)

**NÃO SER SILENCIADO.** Pego-me pensando: qual será o futuro da humanidade nesse mundo onde todo mundo fala e ninguém escuta? em um mundo onde o pior tribunal, aquele que é mais injusto, é o tribunal da falta de consciência alheia, tudo que eu disser poderia ser (e será!) usado contra mim neste tribunal e, ainda assim, eu falo pelos cotovelos para não me engasgar. pois, é melhor morrer encarcerado na falta de escuta, mas livre reagindo ao silenciamento. (28.11.2021)

**BAMBÚRRIO.** No caminho, uma joaninha atravessa meu pensar e eu mergulho naquela delicadeza toda como se fosse o pequeno besouro um pingente de ouro a me lembrar que a felicidade não pode esperar. (02.12.2021)

**OS MANACÁS DO CAMINHO.** Estou diante de um dilema: seguir caminhando sobre as pedras pontiagudas da vida ou pousar meu desalento sobre o manto de manacás derramados sobre jardim dos meus desencantos e, ali pousado, repousar minhas expectativas e angústias para acalmar a aguda vontade de, a todo custo, lutar. (02.12.2021)

**NINHO VAZIO.** Caiu em si quando finalmente amanheceu e percebeu a cama vazia e arrumada. O quarto limpo, cheirava à saúde, os armários vazios não estavam mais empilhados. não havia bagunça. O quarto havia ficado pequeno para os sonhos que voaram junto com aquele passarinho que cresceu a abandonou o ninho. (02.12.2021)

**MISÉRIA CRIATIVA.** Os dias eram apenas fragmentos colocados de lado quando o corpo, cansado, caía na cama e a cabeça, pesada, saía daquela lama toda que era seus dias. Ao tocar nas plumas do travesseiro que, além de macio tinha o doce cheiro dos dias em que ele era mais inteiro, sua mente flanava em busca de memórias para construir as histórias que iriam ser contadas nas folhas em branco sobre a velha mesa no canto daquele pequeno conjugado apinhado de livros, garrafas vazias e poeira. (02.12.2021)

**NA VERDADE, LOUCA.** Uma mulher, desorientada, caminhava por entres os carros que estavam engarrafados na Rua do Senado. Ela era louca, ainda assim, mais lúcida que os que estavam ali, protegidos

pelas suas bolhas motorizadas. Ela, na sua loucura, já rouca, vomitava muitas verdades, pois entre ela e sua loucura havia toda a brutalidade da mais dura realidade. (02.12.2021)

**NOS VÃOS DE SI MESMO.** Não havia espelho na casa, apenas vãos. Para ele, era impossível ver-se refletido noutra lugar que fosse no seu ego doente e na sua completa falta de lucidez. Era opaco e, por isso, tinha uma imagem deturpada de si mesmo. Seu caráter estava borrado, seus desejos eram desenfreados e sua avidez produzia um borbulhamento incapacitante. O espelho fazia falta, pois Narciso não era tão belo assim na escuridão dos próprios vãos. (02.12.2021)

**DERRAMAMENTO.** No sol que se punha, os pensamentos ganhavam clareza. o entardecer era para ele um acomodar-se na realidade. Sentado à beira do caminho a fadiga do dia fazia-se poesia. Ali, entre a luz difusa que se tornava noite, as palavras surgiam na sua mente e ele, sendo aliviado, pouco a pouco, pelos versos que ganhavam espaço no seu pensar, vendo o céu se derramar em estrelas e luar. (02.12.2021)

**METAFÍSICA DA INEXISTÊNCIA.** Ao amanhecer, procurava no horizonte algo que pudesse agarrar-se como propósito, mas nada provocava-lhe vontade de caminhar. Faltava enxergar o sentido da vida e por não conseguir sentir os afetos via-se perdido diante daquele horizonte que nada lhe dizia. Ainda assim, acordava todas as manhãs e deixava correr o sangue nas veias, talvez como castigo ético. Ainda assim, vivia seus dias apesar de tudo que não sentia, pois havia nele uma essência que precedia toda aquela inexistência. (03.12.2021)

**NAS ÁGUAS DO AMAR.** As paixões são tempestades que quase sempre deságuam nas águas turvas do desamor, pois ao agitarem-se, trazem à superfície toda sorte de impurezas e detritos. Apenas após a agitação das emoções desse falso amar é que, na calma da desilusão, podemos ver toda sorte de destroços da relação que naufragou. Não era amor, pois o amor mesmo é navegar pela estabilidade da brisa das tardes de primavera, sentindo no rosto a carícia do vento vindo das águas do amar. (06.12.202)

**QUERÊNCIA DOS SABIÁS.** Dois sabiás, enamorados, cantavam-se no alto da laranjeira. Era primavera e, estando o verão à espreita, as pequenas aves buscavam-se na esperança de fundir-se legando ao verão aquela sensação de vida que flui. Eu, ali, olhando, fiquei pensando se um dia fui tão sintético quanto aquele momento tão poético na querência da laranjeira. (06.12.2021)

**SIMULACRO DE COMPANHIA.** Há ao meu redor uma multidão de pessoas, todas totalmente solitárias, mas fingindo estar acompanhadas. Entre elas, a tecnologia e toda a sorte de liturgias pós-modernas que tornam a solidão ainda mais solitária, mas que não passam de um simulacro de companhia mediada pelos aparelhos de conexão. Eu, como elas, padeço só acreditando ser a aquela simulação a minha nova religião. (06.12.2021)

**DIANTE DA POESIA.** Na varanda, uma pequena ciranda de grilos agita o entardecer das crianças que saltam em busca de alguma alegria. elas, tão ingênuas, nem imaginam que aquela felicidade toda precede o anoitecer que é anunciado no cantar dos pequenos insetos que acasalam diante do sol poente, ignorando que, diante de tanta gente, a luz do dia ou o breu da noite não reflete nenhuma poesia. (07.12.2021)

**ÁGUAS E BARULHOS.** O barulho da chuva acordou o menino que, com medo, chorou. As lágrimas do pequeno acordou o pai que, insone, vagava pelo próprio abandono naquela noite de águas torrenciais. Graças aos meninos os pensamentos vadios do pai foram levados pelas águas daquele abraço mediado pelo medo. O silêncio reinou preenchido por aquele gesto de cuidado que os embalou. (09.12.2021)

**AMOR NA LIVRARIA.** Um casal de idosos passeavam pela livraria. Apenas os livros testemunhavam aquela união de mais de meio século. As pessoas, entre tantos livros e estórias, eram insensíveis àquela relíquia. Eu, ali, parado, tentava fazer daquele momento poesia. Mas, a estética daquele amor impunha-se e minha poética ficou vazia diante da carícia que ele fazia e ele recebia. (09.12.2021)

# Guto Mello

## ONDE FICA PASSÁRGADA?

Vou-me embora pra Pasárgada, lá é o meu lugar, porém preciso falar com o Manuel Bandeira, se é possível chegar lá. Não quero nada bucólico para que eu incorpore Goethe ou Byron. Era necessário tomar um café em uma padaria qualquer.

Liguei para o Manuel Bandeira e fiz um convite para uma conversa franca, direta sobre Pasárgada. Eu suava de nervoso. Imaginava como seria Pasárgada. Sou negro e fiquei pensando se Pasárgada é uma terra de palmeiras onde canta o sabiá ou seria uma terra de Quilombos onde encontraria os meus ancestrais lá!

Vem na minha direção Manuel Bandeira e apertamos as mãos. Semblante sereno e doido por um pingado. Não fiz rodeios e lhe perguntei:

– Amigo Manuel, minha mente pulsa para saber onde fica Pasárgada. É o país das maravilhas? É a Cocanha tão citada pelos escritores medievais?

Manuel Bandeira abaixou a sua cabeça e balançou negativamente diante de uma tamanha ingenuidade e falou

– Meu jovem Felipe, existe sim a cidade de Pasárgada. Ela fica no Irã, antiga Pérsia, próximo de Persépolis, mas lá seria o meu lugar, porém não passa de um imenso sítio arqueológico. Não passou de uma breve utopia de um escritor cansado. Cada um de nós tem a sua Pasárgada e os escritores buscam as suas Pasárgadas. Veja Ernest Hemingway em Havana ou James Joyce em Paris. Siga o seu instinto e mentalize a sua própria Pasárgada.

Agradei os conselhos de um escritor sábio e fui me desprendendo da verossimilhança para encontrar a cidade que me daria resiliência e saindo de uma caverna platônica. Pasárgada existe, o mundo existe e estou procurando o meu canto para escutar o som dos sabiás. Pasárgada é o meu lugar.



## A CORTINA DE DEUS!

Tenho o hábito de levantar bem cedo nas manhãs de outono e quando eu acordo, a primeira coisa que eu faço é abrir as cortinas para assistir a mágica de Deus. Abrir as cortinas do nevoeiro que tomam conta na parte da manhã. Não são nem 7 horas da manhã e tomo o meu café com leite e pão dormido do dia seguinte, molhando-o dentro da xícara. Após o desjejum, abro a cortina do box e tomo o meu banho com água fria. É proposital. Minha avó sempre dizia que água fria espanta o sono.

Após eu me vestir, olho pela janela e ainda não vejo a luz solar coberta pelo nevoeiro. Escuto a porta bater e logo que eu abro é o jornalista Francisco.

– Bom dia Murilo! Tudo bem com o senhor?

Sem pestanejar, respondo de uma forma automática.

– O Senhor está lá no céu Francisco!

Vi que o Francisco ficou vermelho, mas concordou comigo. Entrei e fui ler as notícias, afinal, moro na pacata Arrozal, lugar onde todo mundo se conhece, mas o mundo eu só conheço através dos jornais. Moro sozinho e não tenho com quem conversar na parte da manhã, somente com o Francisco e quero sair de casa para ver "o mundo" como a minha mãe dizia, mas tudo ao meu redor está turvo devido o nevoeiro.

A friagem era convidativa para voltar para a cama, mas ao mesmo tempo queria sentar na varanda da casa. Cochilei e quando acordei, senti no meu rosto os primeiros raios solares e vendo se dissipar o nevoeiro, como a cortina que eu abri hoje no meu quarto. É o espetáculo que eu aguardo todas as manhãs. Céu azul, Sol para nos aquecer e sentir-se bem, me encorajando a sair de casa e ir para o trabalho. No caminho dou bons dias para os moradores que me conhecem desde que eu nasci:

- Bom dia Murilo!
- Bom dia Dona Maria!
- Bom dia Murilo!
- Bom dia "Seu" Joaquim! A sua senhora Dona Eufrásia melhorou da coluna?
- Ela tá de repouso e o Dotô passou uns remédios pra ela.
- Espero que ela se recupere logo! Vá com Deus!

Com entusiasmo e fé "Seu" Joaquim disse: Amém!!

Durante o trajeto, pude perceber que eu estava andando por uma gélida calçada, com sombra e lembrei-me de alguns amigos que diziam "Vá pela sombra!". Depois de ter esperado esse lindo Sol; nessa linda manhã, vou pela luz solar que me aquece e pensando nesse espetáculo. A abertura da cortina de Deus!

# Jean Carlos Gomes

## MARIA JOSÉ E SUA OBRA\*

– Lembrando o Centenário de Nascimento da autora –

Maria José Bulhões Maldonado (20.9.1922 – 13.11.2010), poetisa universal: portuguesa, africana, brasileira...

O seu *Cântico à Vida* é altamente bravo, soa forte, tem clareza total, vida própria, enfim, nasceu da pureza de sua alma.

Em *Teia do Tempo*, sentiu dor, amor, saudades do seu *habitat* de outrora, fez barulhos, retratou-se mostrando ser guerreira, pois precisou ir além...mas felizmente desembarcou aqui também... Primeiramente no Rio de Janeiro e, depois de um tempo, fixou-se em Volta Redonda. Os seus *Dias Habitados* trazem em seu bojo as ações do ser humano, o seu grito grandioso de protesto em favor dos menos favorecidos, ou seja, são simplesmente um excelente e instigante convite pra nossa meditação e reflexão diária.

Nas suas *Perspectivas de Pássaro* nos apresentou um roteiro amplo, lírico, filosófico, que certamente foi tecido com sabedoria e exigência, finalizado com fragmentos dos elementos que compõem alma, corpo, pensamento, ação, AMOR, PAZ, entendimento...

Consegue ser uma autêntica *Navegante da Palavra* em seus versos banhados pelas águas dos mares distintos e revoltos, munidos de sensibilidade e perfeição que nos comovem, nos conquistam quando os lemos.

Grande escritora, merecedora de todos os elogios e honrarias, residiu na rua César Lattes (bairro Limoeiro), nº.100, foi ótima anfitriã da casa aconchegante, onde tem uma linda roseira no jardim, com rosas formosas, iguais aos seus muitos feitos e escritos (iguais a você, amiga confiante, irmã de sonhos e ideais).

O meu muito obrigado por tudo, sinto-me honrado por ter feito parte do seu seletto grupo de amigos!

\*Comentário publicado no livro *Poetando V* (Resultado do concurso do GREBAL – Grêmio Barramansense de Letras) quando foi homenageada em 2008.

**Maria José Bulhões Maldonado, Cidadã do Mundo,  
*Amor-Mundi, Amor Pelo Mundo...\****

Tarefa difícil para mim...!?

Mas não impossível, apesar do meu pouco conhecimento na literatura, diante da sua grande sabedoria intelectual.

Comentar ou dizer alguma coisa sobre a talentosa poetisa Maria José Bulhões Maldonado e sua vasta Obra Poética, é honroso e gratificante. Em especial sobre o livro *Amor-Mundi*, que é um título bem sugestivo da sua total demonstração de Amor por esse nosso Mundo cheio de indiferenças, que gritam de maneiras estrondosas por mais justiça nos seus versos, ora bravios, ora suaves, ora singelos, ora protestantes...

Esse *Amor-Mundi* ou esse seu *Amor Pelo Mundo* é um verdadeiro *Banquete* com uma *Ceia Farta* de pratos nobres, que nos seduz quando degustamos cada poesia, cada estrofe, cada verso condutor a uma *Nova Reflexão* em favor do Próximo, do Amor, da Vida, enfim, em favor de nós mesmos, seres humanos em constantes mutações e na maioria das vezes sempre carentes de mais *descobertas e entendimentos*.

Você, poetisa universal, conseguia retratar com firmeza e ousadia O Começo e o Fim da Vida (pois esse nosso Tempo é um breve existir...), as reminiscências contidas na lápide de sua memória então muito fértil, a Esperança Imbatível, a Sensibilidade que precisamos sentir mais, a Solidão Inevitável, a Habilidade e a Intimidade descritas dentro dessa sua escrita engajada, preocupada, de estilo próprio.

Estava sempre atenta com as notícias, com os acontecimentos, com as mudanças do mundo, fazendo com que as suas *expressões e palavras* ficassem sempre atuais.

Os seus belos poemas, sendo curtos ou longos, de rimas naturais e ricas, registrados nesse seu *Amor-Mundi*, nos levam e nos trazem a uma Infinita Viagem Além-Mar (a qual você é a *Porta-Voz* principal entoando os seus cânticos ao som vento, engrenados pela força do seu pensamento...) quando necessitamos *Ancorar* em *Portos* diferentes, principalmente depois que conhecemos a sua pessoa e lemos com atenção as suas magníficas poesias que enriquecem a nossa Vida, nosso Dia-a-dia, nosso Espírito, nossa Inspiração, enfim, a Literatura Universal.

\*Crônica publicada no jornal Diário do Vale de 31 de julho de 2009.

Texto muito elogiado pela autora.

## **AO VICENTE MELO**

*pela passagem do seu aniversário*

em 19.7.2014.

Parabéns por você ser esse Ser tão iluminado,  
Que transmite alegria, bom humor, simpatia, dinamismo,  
Humanismo, parcialidade, é o cara que nunca diz não...

Ter a sua amizade mais próxima nos últimos tempos  
Pra mim é uma grande dádiva, uma imensa honra  
Que me incentiva e me inspira para quando crescer  
Tentar ser um pouquinho como você É...

Homem da Cultura, cidadão CULTURAL,  
Já nasceu com a ARTE pulsando nas veias,  
Transmite sempre o seu melhor a todos...

Inala, respira, exala diversidade,  
Consegue priorizar, fazer o belo...,  
Valoriza tudo, mas pautando em favor do SER,  
Pois a sua alma é generosa e cheia de simplicidade...!!!

# José Huguenin

## TOQUE DE RECOLHER

Não foi preciso despertador naquele nove de novembro. O sono de Wladmir era leve e qualquer barulho o acordava. O ar estava pesado. A mulher, que marcava o tempo na casa, se levantou, silenciosa como sempre, para iniciar a jornada. O silêncio prolongava a agonia. Dentro de pouco o cheiro de café invadiu o quarto, já pegando Wladmir acordado. O pensamento da noite praticamente em claro não dissipou em nada a dúvida que por dias não o deixava em paz: aderir ou não? Para ele, o planejado pelo sindicato era justo e necessário, mas o preço a pagar não estava fixado. Ninguém sabia o que poderia acontecer, qual seria a reação do Governo se o plano desse certo. As raízes de Minas Gerais, herdada dos pais, o faziam ter cautela em aceitar o negócio sem preço fixado, poderia sair muito caro. Viu a esposa cruzar a porta, em direção ao banheiro onde o beijo matinal adquiriria o gosto de hortelã – pensou ele. Perguntou pelo filho.

– Não voltou do quartel – respondeu-lhe a mulher em tom quase choroso.

Wladmir ficou ainda mais preocupado. Se o filho não foi liberado para dormir em casa no dia da folga, decerto alguma manobra militar estava em curso. Os sentimentos de um pai preocupado com o filho e o de um operário preocupado com a própria vida se misturavam. Sentados à mesa do café, o casal permanecia silencioso. A mulher, com o olhar distante, quebrou o silêncio com um choro que a todo custo tentava conter desde cedo. Ato contínuo, Wladmir secou as lágrimas com o dedo áspero, dizendo que tudo acabaria bem, que não se preocupasse. A esposa assentiu, como de costume, balançando a cabeça afirmativamente tendo lábios cerrados e algumas lágrimas fugidas da mão do marido.

Wladmir pegou suas coisas e saiu remoendo os últimos acontecimentos. Quatro dias antes foi um dos dezoito mil operários da Companhia Siderúrgica Nacional a levantar a mão pela greve, direito assegurado pela nova constituição promulgada ainda mal fazia um mês. Os trabalhadores ansiavam por esta arma poderosa para ajudar na luta por seus direitos. A Carta Magna estava sendo posta à prova naquelas

vésperas de eleições municipais. Os trabalhadores não dissociavam Governo de medo, mesmo três anos após o início de um governo civil, medo que fez com que muitos operários temessem o pior, hesitassem em paralisar o trabalho, enfim, pensassem em não aderir à greve. O sindicato sabia disso e, para aumentar a pressão, decidiu ocupar a acearia. Paralisariam a produção. Seria difícil a direção da Companhia não conversar. Ainda teriam o alto-forno como refém. Desligá-lo seria um prejuízo incalculável e levaria meses para retomar a produção. Este ambicioso plano poderia levantar a ira de todos, mas era preciso assumir os riscos.

Abraçando a causa e assumindo os riscos, Wladimir chegou ao trabalho. O movimento era quase igual ao dia anterior, menos o ar de preocupação poucas vezes visto estampado no rosto dos líderes sindicais. Comprariam um grande barulho. E assim foi. Numa ação rápida o local de fabricação de aço foi tomado. Os trabalhadores do turno da noite ficaram presos, não importando se eram ou não adeptos à greve. A produção amanheceu parada. A notícia espalhou-se feito rastilho de pólvora, inflamando trabalhadores pró-greve. Familiares saíram às ruas para ver o que acontecera com os seus que não retornaram do último turno. Dentro e fora da usina, todos ficaram apreensivos. Wladimir, contudo, não conseguia pensar em nada do que acabara de se passar. Só pensava no filho que ficou retido no quartel justo em seu dia de folga. Dia que, aliás, avançou lento, tenso. A direção da usina se recusou a negociar naquelas condições.

Quem estava do lado de fora da usina não tinha notícia de quem estava dentro. Um pequeno aglomerado surgiu em frente ao escritório central, pedindo notícias. Sentindo-se acuada, a direção da usina contatou o Ministério. Como resultado da consulta, o grupamento de Barra Mansa do Exército foi acionado para conter a manifestação. O sol se punha devagar quando as lonas empoeiradas que cobriam os veículos do tiro de guerra foram retiradas. O Exército voltava às ruas em procissão de tanques e caminhões. Um comício do candidato a prefeito do sindicato se iniciava naquele instante em bairro próximo, de onde foi possível ver a procissão de tanques chegar à Volta Redonda. Alguns presentes ao ato tiveram mal súbito, não acreditavam no que viam. Tanques nas ruas novamente. Não foi isso que o Dr. Ulisses prometeu há pouco mais de um mês. Muitos correram para frente da

usina, outros para casa.

Ao chegarem, os soldados rapidamente dispersaram a manifestação que crescia. Wladmir viu tudo parar ao ouvir dos colegas que os milicos estavam lá fora. Com frio na barriga e com os pés plantados no chão, sem conseguir se mover, descobriu seu desassossego de todo dia: seu filho estaria lá fora, com farda e arma na mão. Os operários reagiram raivosamente àquela decisão. Neste momento Wladmir descobriu que os colegas estavam preparados para tudo, até algumas armas apareceram. Ele queria sair correndo, pegar o filho e ir para casa, mas seus pés ficaram no pátio da fábrica. Seus olhos arregalaram. Ele ouvia seu coração batendo acelerado quando os primeiros estrondos de bombas foram ouvidos. Lá de fora se ouvia apenas gritaria e desespero. A guerra se instalara na praça e seu filho estava do lado do inimigo. Quis correr, mas seus pés continuavam plantados.

Depois de duas horas de ação para dispersar a manifestação na parte de fora, um sargento que vinha de dentes trincados e olhos vermelhos, deu um sorriso de deleite assustador quando ouviu pelo rádio ordens do comandante para invadir a usina. Levou o pelotão para dentro da estatal como se fosse retomar o Palácio do Planalto. Agia como se novamente estivesse a caçar comunistas. O pelotão veio pelo lado oposto e pegou os operários um pouco desprevenidos. Avançou pelo pátio marchando em direção à acearia causando correria dos trabalhadores. Wladmir não conseguia sair do lugar. Via seus companheiros falando, chamando-o, mas não ouvia nada além das batidas de seu coração e dos tiros. Dentro de pouco avistou os soldados e não foi difícil para o pai reconhecer o filho na linha de frente. Teve ímpeto buscá-lo, trazer junto do peito o menino assustado que via trajando farda com um brinquedo perigoso nas mãos. O sargento ordenou que atirassem. As ordens deviam ser cumpridas. E foram. Tiros dados de parte a parte. Os operários jogavam pedaços de ferro e pau. Num momento preciso, o pai cruzou o olhar com o filho, que também o reconheceu. O soldado, que fazia mira, paralisou frente a frente com o pai.

– Atirem nesses comunistas!

Petrificado, com olhos esbugalhados, o menino ouvia os gritos do sargento. Um operário tentou puxar Wladmir que não arredou o pé e continuou a olhar o filho, que sob ordens do sargento, não teve opção a não ser puxar o gatilho. Antes, porém, fechou os olhos, atirou às cegas,



sem mirar, e a bala, perdida, encontrou o operário que tentava puxar o pai. A primeira morte da noite se consumou. Os diretores sindicais entraram para o setor do alto-forno e ameaçaram desligá-lo. Com os operários cercados, negociações se davam no Hotel Bela Vista. O rádio do sargento foi novamente acionado, desta vez com ordens de retirada, pois a direção chegara a um acordo com o sindicato em negociação que envolveu o prefeito e o bispo da cidade. O refém, afinal, era importante. Contrariado, o sargento deu ordem para retirada. Só então Wladmir pôde ver o filho, catatônico, de olhos petrificados, ser puxado pela farda, aos gritos do sargento. Engoliu a seco aquele ar pesado.

Muitos feridos e três vítimas fatais foram levados para o hospital da Companhia. Os tanques voltaram ao quartel. Era quase de manhã quando os operários, grevistas ou não, saíram da usina sitiada e dispersaram. Era dado o toque de recolher. Wladmir correu para casa onde encontrou a mulher em prantos, aos pés de Santa Cecília. O filho ainda não havia retornado. Tentou levantar a esposa, mas não conseguiu. Deixou-se também cair e conseguiu chorar. Um caminhão do exército parou em frente a sua casa, e Wladmir correu para ver o que se tratava. Lá estava seu filho, em trajes civis, parado, com olhar distante. Foi até ele, abraçou-o percebendo que o seu menino não reagia a nada. O levou para dentro de casa, onde a mãe já acendera nova vela para agradecer à Santa Cecília. O soldado pareceu ter ficado no quartel, ali estava apenas um menino em choque, sem saber direito como agir. A mãe agradecia pelo coração do filho continuar batendo. O pai se revoltava com a ordem covarde que destruiu duas vidas em um só tiro. Só conseguiu dizer ao filho que a culpa não era dele, não foi ele quem puxou o gatilho. Ficaram os três, sentados sobre a cama, de mãos dadas, olhando para Santa Cecília, cada um com seu pensamento, pedido e lágrimas.

Wladmir voltou ao trabalho mais quieto do que sempre fora. Não foi a nenhuma outra assembleia. Seu filho recebeu baixa logo em seguida, para alívio da mãe, que ficava com ele o tempo todo. O rapaz alegre e cheio de sonhos, porém, nunca voltou para casa.

## LÁGRIMA

Quando ferimos  
Produzimos lágrimas

A natureza  
Chorou torrencialmente

E nós, feridos,  
Fazemos cair a lágrima  
Que não era para cair

Se tudo fosse  
Como deveria ser

Se existisse tudo  
Que era para existir

Se Gaia não estivesse  
Ferida de morte

Se não estivéssemos  
Deixados à própria sorte

Cidade e campo  
estariam drenados

E nós, secos,  
Não teríamos chorado  
Essa dor

# Lee Brasil

## VIAJAR É PRECISO!

Cada livro é uma viagem... E nós, os viajantes sem rumo neste mundo de palavras, entregues à sorte e às ideias dos autores, esses artistas, que nos ofertam riso e dor, luxo e miséria, amor e ódio, num país sem fronteiras... O livro está para a cultura como o barco para o mar: deixa em cada porto um pedaço brasileiro, um tesouro que irá enriquecer o pescador...

Viajar é um desafio! É encontrar-se na Bahia, ser um capitão de areia e jogar capoeira no cais, ou ainda Gabriela, vistosa morena sob o olhar atento de Jorge, tão Amado. É perder-se nos pampas, imaginar-se um certo gaúcho Rodrigo, uma Ana - casta como a Terra - na mais perfeita tradução do Sul de Veríssimo. É embrenhar-se nas praias e matas, ainda virgens, do Brasil, vivendo as aventuras e desventuras de Peri e Iracema... Que Tupã o abençoe, grande pajé Alencar! É ficar de ressaca ao ver os olhos de Capitu, ser casmurro como Dom Machado de Assis... É velar Severino e tantos outros, pranteando com Melo Neto a morte e a vida no Nordeste...

Viajar é doce, é pura poesia... É deixar-se levar pelos sonetos de Vinicius, jurando-lhe fidelidade e amor total antes da separação... É banhar-se nas Espumas Flutuantes do rio Castro Alves, e comover-se, e indignar-se, e envergonhar-se do nosso passado (?) preconceituoso e intolerante. É desvendar a tragédia humana em versos biologicamente corretos, no linguajar inconfundível de Augusto dos Anjos.

Cada livro é uma viagem... Quem dera conhecer a Arcádia Mineira, e amar o amor simples de Dirceu! Quem dera voltar a Itabira, e retirar a pedra do caminho de Drummond! Quem dera passear por Pasárgada, ser amigo do rei e porta-voz de Bandeira! Quem dera adentrar o sertão e lutar ao lado do bem, nas Grandes Veredas de Guimarães Rosa!

Viajar é preciso! É preciso ler para desbravar este nosso chão, é preciso o livro para que cada irmão se reconheça no outro, em espelhos que se estendem do Oiapoque ao Chuí, página a página, palavra por palavra... É preciso ser um turista dos livros, contemplar a diversidade, explorar as diferenças e redescobrir o Brasil! Viajar nos livros é reconstruir a nossa própria história...

## ODE À TERRA NATAL

Pulsa, no Sudeste do Brasil, um coração de aço!  
Feito, passo a passo, da labuta de cada cidadão  
Que luta e traz no peito o desenho de sua própria história  
Construída com glória e trabalho, sangue e empenho, guerra e paz...  
Nesta terra, brasileiros semearam ideais e esperanças  
Foram crianças e hoje, adultos, colhem deste chão o pão de seus herdeiros  
Alimentam o futuro com lembranças, para que a nova geração  
Cresça imponente, forjada em puro aço, firme à toda prova!  
Nada para o rio, de curva talhada, esculpida pela força do raio  
Nada para o progresso, que turva a sensatez corrompida, maculada.  
O excesso de poder e mesquinhez cerra olhares de forma desastrosa,  
Escrevendo dolorosa página no seio de muitos lares...  
Mas, em meio à dor, a cidade, ainda assim, se inflama:  
Clama por liberdade, não permite que a chama se enfraqueça!  
Que floresça, na consciência de cada um, a certeza da vitória  
Fixando na memória este retrato, para que não se repita a violência...  
Hoje, mais que ontem, menos que amanhã, o povo se mobiliza  
Avisa "que o novo sempre vem", que a fibra aurinegra não é vã...  
Reúne, no Vale do Paraíba, a coragem de quem nunca desiste de sonhar  
Ao desafio de se reinventar a cada dia, reconstruindo sua imagem:  
Onde outrora havia apenas verde, depois cinza, existe agora uma aquarela  
Colorida de esporte, cultura, saúde, educação - cenas em tela de realidade...  
Volta Redonda, mais de seis décadas de idade, solo de Coroados, Puris e Araris,  
Traçando, com seus filhos dedicados, sua sorte. Seu destino? Ser feliz!

# Leonor Vieira-Motta

## A BICICLETA DO CONTRA

Contra pedal, isso mesmo, era uma bicicleta "contra pedal". Para freá-la, bastava uma leve pedalada para trás e:

– Stop!

Paravam o mundo,

o automóvel e

o curso da minha breve história.

Ir contra a corrente parecia tão simples que, ser, só poderia ser assim; percorrer na Monareta da Monark uma odisséia singular nas imediações de casa, pelos quarteirões da Vila Santa Cecília, desbravando o grande sertão de jardins sem cercas e suas veredas, onde a meninada brincava tranqüila, deixando o diabo - da preocupação - no meio da rua com cara de tacho e bem longe da queimada e do rolimã; para depois, partir sem escalas rumo a outro continente (o dos livros ) prosear com Ana Terra ou ainda, incansável, assistir de camarote, a Banda, num manuscrito mimeografado que minha mãe trouxe uma tarde da escola.

– Leia ouvindo, ela me disse entusiasmada, me oferecendo a pérola, quem sabe, antevendo alguma jóia.

E eu li... reli... mil li... até ouvir cada um daqueles versos, ora alegres, ora tristes, passando na veia avenida principal da minha vida.

À noite, iluminados por uma *La Luna* de cinema éramos o astro e a estrela de um filme cujo cenário era a imensa usina siderúrgica nacional e a claquete, o sonoro apito da fábrica que fazia a sincronia perfeita entre imagem, som e memória.

A minha bicicleta do contra, pedal, era sempre a favor: do vento e da vida. Simultaneamente me ensinou a cair e a me levantar, depois de alguma manobra mais radical ou menos atenta, antecipando fisicamente a dor e a superação da dor, só transposta para a alma depois de muita imaturidade.

Montada no selim, amazona e montaria, Pizarro às avessas fui ladrilhando as ruas conquistadas, com pedrinhas de brilhantes para o amor que nunca passa - ultrapassa – passar.

Quixote, eu cavalgava rápido para me banhar nas águas do ribeirão Brandão antes que elas chegassem ao rio ingente, o Paraíba do Sul, dos versos de meu avô e fluíssem beira-rio abaixo passando em revista pela torre de controle de tráfego de antigos teco-tecos no Aero-Clube e continuassem a desafiar incontáveis moinhos envolvendo-os sem manchas, de lá até o mar.

No alto do morro do Bela Vista, eu avistava a cidade inteirinha. No fim da tarde, eu saltava do selim, da minha particular nave espacial caramelo, para admirar a cidade com olhos de astronauta pisando pela primeira vez na lua e, à noite em casa, juntando as pontas (ou os cadarços) dos romances (ou do tênis, no caso, um Conga) contava para o pai, para mãe, para os irmãos... para o piano... e finalmente ao papel, mais um capítulo das minhas aventuras, cá entre nós, ciclísticas invenções "on the road".

A favor de mim, com sonhos e juventude na garupa, a bicicleta do contra, às pedaladas, ia me ensinando a viver.

# Lourildo Costa

## ABLA... ABLA...

Certo jovem de naturalidade angolana passara por Botsuana e atravessara, de maneira solitária, o longo deserto de Kalahari, em direção à cidade de Johannesburgo, principal núcleo urbano do Continente Africano do Sul. O nome daquela região semiárida advém da palavra **kgalagadi**, que tem o significado de “grande sede”. A cada cinquenta quilômetros de caminhada sobre o lombo do seu camelo – já tão acostumado a atravessar aquele ambiente seco do deserto – Ghedi, por alguns minutos, interrompera a viagem, sob sol escaldante, para manifestar sua gratidão aos deuses, que lhe ofereceram a oportunidade de ir ao encontro da deslumbrante Abla, sua amada amante que conhecera através da internet.

O silêncio daquela zona árida levava-o à introspecção, fazendo-o espertar dos seus sonhos mirabolantes com o bater do vento forte sobre as cabeceiras das dunas migratórias do deserto. Nuvens de grânulos, levados pelo ar agitado de uma região de pluviosidade muito baixa, envolvera todo o seu corpo, como num abraço matinal. Ghedi sentira temor de perder sua firmeza de ânimo, ante os reveses da vida, e armara-se do medo para principiar uma batalha contra a inclemência do tempo. Novamente fizera uma parada e clamara, em alta voz, pela longânime misericórdia dos deuses. As nuvens pareceram de chumbo e ninguém respondera às suas orações. O mar de areia transformara-se em densas trevas.

Ainda zozno, Ghedi abriu os olhos e notara a presença de um pastor queniano, que atendera pelo nome de JelaniAgyei Owuor. Seus olhos, atormentados pelo medo, fizeram-no aproximar-se do estranho viandante. Vieram-lhe à mente os inúmeros transeuntes guerreiros que tiveram seus corpos mortos lançados sobre a areia quente do deserto. Lembrara também da história de José do Egito, que fora vendido por seus irmãos, como se fosse um animal selvagem. O mesmo sentimento de nostalgia que os negros da África tem, quando estão ausentes do seu país, cortara-lhe o coração. Trouxera também à memória a narrativa

histórica dos negros que foram levados cativos para mover engenhos em outro Continente. Foram recebidos pelo estalar dos chicotes dos feitores brasileiros. Muitos escravos fugiram do trabalho estafante das grandes fazendas. Outros foram capturados porque não puderam ir muito longe. Como punição que se inflige a animais, eram amarrados ao tronco das árvores e espancados com golpes vibrados no ar pelas doloridas chibatas. O sangue que lhes espargia das feridas misturava-se ao suor que escorria pelos corpos seminus e embebia de leve o solo bastardo que não os haviam gerados.

Ghedi vergara-se diante do pastor e lhe suplicara uma bênção. Ele ficara um tanto agitado e começara a tremer muito e dissera:

– Dê a sua bênção para mim, venerável pastor. Por acaso o senhor não tem aí guardado uma bênção para me ofertar? Pretendo atravessar o Kalahari, em direção à Johannesburgo, África do Sul, em busca do meu amor Abla que ansiosamente me espera.

Despertara do seu delírio. No silêncio do seu coração, doces palavras pareceram ecoar do âmago do seu ser:

“Abla... Abla...”



# Lucia Araujo

## TRATO COM A MORTE I

Era uma estrada tortuosa e cheia de perigosas curvas à beira de precipícios imensos. No fundo as pedras e a correnteza do rio. Uma visão bonita, mas de vez em quando uma cruz surgia à beira da estrada lembrando que a morte espregueitava a cada traço curva.

Uma última curva mais fechada e abre-se a frente um vale. Lá em baixo o pequeno vilarejo com seus casarões antigos. A igreja com sua torre brilhando sob o raio do sol e a praça de gramado verde e frondosas árvores.

Aquele dia começou estranho, o sol não apareceu, o céu estava cinzento e uma nuvem negra ameaçadora pairava sobre o vilarejo. Um vento frio uivava como um bicho ferido e poucas pessoas se aventuravam pela estrada. Uma chuva fina caía deixando-a molhada e mais perigosa.

O ônibus encosta no ponto final e dele desce uma figura estranha: alto e esquelético, os cabelos longos e negros caindo desalinhados até o ombro. Vestia-se todo de preto, com uma longa capa que o cobria até o meio da perna e botas de cano longo. Carregava uma maleta e um objeto cumprido enrolado em um saco. O chapéu de longas abas cobria seu rosto, não permitindo sua visão.

Sob o olhar curioso dos moradores, percorreu com passos firmes a única avenida que cortava o vilarejo. Sumindo no final da rua próximo ao cemitério.

O dia continuou cinzento e frio e a noite chegou antes da hora, o pio de uma coruja se faz ouvir no mourão da cerca da casa do Silvério. Sua mulher agoniza em dores de parto.

Ouvem-se passos aproximando-se da casa. Os gritos de dor da mulher aumentam. Silvério abre a porta e sai. Um vulto se afasta. A criança nasce, mas não se ouve nenhum choro. Está morta!

A manhã seguinte é de dor. Uma mulher planteia o filho, que sequer viu o rosto que ansioso o esperava.

O dia passou e o sol não nasceu. O céu continuava cinzento. A noite

ainda se ouvia o lastimar da mulher. A notícia do barulho de passos e do vulto se espalhou pelo vilarejo e alguns moradores juravam terem visto o estranho naquela noite indo em direção à casa de Silvério.

Depois daquela noite ninguém mais o viu. Não foi embora, pois teria que ter voltado para a estrada de onde o ônibus partia. Um grupo se reuniu e foi à sua procura perguntando até a última casa da avenida, lugar onde ele fora visto caminhando ao chegar à cidade. Não o encontraram em casa alguma, ninguém o viu. Ninguém o conhecia ou o esperava. No final da rua só o cemitério, com seu silêncio arrepiante e suas tumbas caídas.

Duas semanas se passaram e o céu continuava cinzento, os dias escuros e as noites sem nenhuma estrela. A nuvem negra cobria todo o vilarejo e o pio agorento de uma coruja se fazia ouvir em várias casas. Um pressentimento ruim tomou conta dos moradores, alguma coisa terrível estava para acontecer.

O estranho não apareceu, mas eles podiam sentir sua presença nefasta.

– Quem era? Qual o seu objetivo? Nenhuma resposta. Só agonia.

Madrugada de sexta feira, a chuva fina e o frio continuam a castigar os moradores. Como sempre faziam os trabalhadores da manutenção da estrada subiram no caminhão antes do raiar do dia. Dez homens em cima na carroceria e mais dois na cabine com o motorista. Partem deixando para trás o vilarejo. Sobem à tortuosa estrada. O caminhão gemendo com o esforço.

Os homens na carroceria se protegem da chuva e do frio debaixo de uma lona e nas curvas mais fechadas seguram como podem no improvisado transporte. Mais uma curva e de repente uma coruja atravessa a estrada dando um voo rasteiro sob o caminhão, os homens se benzem pedindo proteção. Aquela ave era um mau presságio.

Continua a subida, mais uma curva e na cabine os dois trabalhadores arregalam os olhos e solta um grito de terror, o motorista perde o controle e precipita-se no fundo do abismo. Um silêncio estarrecedor se faz em seguida. Nenhum gemido! Nada!

Horas depois do acidente um carro passa e vê o caminhão lá no fundo do precipício, impossível alguém ter sobrevivido. Segue até o

vilarejo para avisar o ocorrido e providenciar o resgate.

O desespero toma conta das famílias, aqueles treze homens não voltariam para casa naquele dia. A dor dilacerava o coração de todos. Correram até o local, queriam ver para terem certeza que não era um pesadelo.

Ao chegarem, a equipe de resgate já se encontrava no local, mas não havia nenhuma esperança. O trabalho era penoso, era muito difícil chegar até o fim do precipício. Todos estavam quietos e tristes, até o vento que não parava de uivar naquele momento se calou. Um homem desce apoiando em uma corda, perto de um pequeno arbusto pendurado na encosta grita acenando para os outros.

– Aqui desce uma maca! Há um sobrevivente, mas está muito ferido!

– Um milagre! Exclama os presentes.

Era Silvério seu corpo fora segurado pelo arbusto e estava desacordado. Por uma estranha ironia a morte que não poupava a vida de seu filho recém-nascido poupava a dele de modo espetacular.

A ambulância do resgate parte com sua sirene, seu som parecendo um pedido a tortuosa estrada:

– Deixe-me passar! Deixe-me passar!

Vencem as curvas e a chuva que caía como as lágrimas daqueles que pranteavam seus mortos. Finalmente chegam ao pequeno hospital da cidade mais próxima. O socorro é imediato, mas Silvério está entre a vida e a morte. Uma multidão se aloja a frente do hospital em oração, o único sobrevivente agoniza.

Depois de sete dias, a nuvem negra que ficara o tempo todo sobre a cidade se afasta deixando o sol brilhar sobre os verdes campos do vale. O rio desliza calmo numa sinfonia aos bravos trabalhadores, que com sol ou chuva estavam a postos cumprindo seu dever de cuidar da estrada. No hospital Silvério acorda do longo sono, mas está muito agitado. Quer ver a família e os amigos tinha algo urgente a contar.

E repetia várias vezes à mesma coisa:

– Foi ele! Foi ele! Eu não acreditei!

“Estava muito difícil à visibilidade, mas o motorista seguia devagar, com cuidado. Nem a travessia da coruja à frente do caminhão o tirou de sua concentração. Até que na última curva “o Estranho” surgiu

do nada, no meio da estrada e pela primeira vez mostrou seu rosto horrendo: os olhos esburacados, não havia carne e nem peles, só os ossos brancos. A boca se abriu sem lábios, com dentes enormes e pontiagudos. Fazia um som terrível. Em suas mãos uma foice brilhava ameaçadora cegando o motorista. Era a morte! Tenho certeza! Em um segundo revi toda minha vida! Vi o desespero dos companheiros, os gritos. Serrei os punhos e pulei para o precipício. Não vi mais nada, só escuridão”.

E assim daquele dia em diante, um boato corria no vilarejo dizendo que Silvério tinha entregado seu filho à morte para que ela o poupasse, pois ninguém poderia se salvar daquele acidente e ele estivera com o estranho no dia do nascimento e morte de seu filho.

Estranhamente ele nunca mais foi o mesmo, passava seus dias vestido de preto com um chapéu que escondia o rosto, calado parecendo um morto vivo. À noite era visto com frequência caminhando pelo cemitério ao lado das tumbas de seus colegas e de seu filho. Até que um dia desapareceu sem deixar rastro.

Uma lenda surgiu na cidade e alguns moradores juravam que em noite fria e escura quando se ouvia o piar de uma coruja e o uivar do vento feito um cão raivoso, Silvério aparecia no cemitério. Seu corpo esquelético caminhava por entre as tumbas desaparecendo ao amanhecer.

# Márcio Castilho

## DOS JETSONS AOS FLINTSTONES

Pane global! As redes sociais inoperantes! Voltamos aos primórdios dos tempos onde não podíamos nos comunicar de forma instantânea e aí percebo o quanto a internet está presente em nossas vidas, atrelada a nós como se fosse uma parte do corpo, pois todo o nosso mundo está confinado num aparelho eletrônico desde nossa agenda, nossos amigos, nossa família, nosso trabalho, nossos estudos até nossa diversão. Antes das redes falharem, estava vendo uma postagem de Rita Lee e compartilhando a mesma com os amigos. Neste post Rita dizia “era para a gente estar nos Jetsons e voltamos aos Flintstones”. Porém, apesar de toda essa problemática com os aplicativos, pensei que poderia ser uma oportunidade de olhar melhor o mundo ao redor já que, enquanto estamos conectados somos tão desatentos e até mesmo tão negligentes com o que ou quem está próximo de nós, que o céu pode estar desabando e você nem se dá conta. Ficamos tão absorvidos e presos ao fascínio do mundo virtual que mal percebemos as necessidades dos que estão ao nosso lado. O gato mia pedindo atenção, a criança berra, pois está carente de calor humano, seu irmão te chama para conversar e compartilhar as vitórias do dia, seus parentes, reunidos na mesa, falam sobre coisas da vida material e você continua preso ao fascínio na tela do celular. Tudo parece invisível ao seu entorno: as pessoas dormindo nas ruas, sem comida, sem família, sem ter onde morar; o cachorro faminto que late e te acompanha pedindo as sobras do sanduíche que você joga na lixeira; o garoto que faz malabarismos ao fechar o sinal pedindo alguns trocados após apresentar seu talento no meio da rua; a menina sentada em frente ao banco com o filho no colo vendendo os seus panos de prato; o tempo que corre às pressas e ponteiros que não irão mais retroceder. Enquanto digito essa crônica, imagino quanto tempo a gente gasta com o mundo impalpável das redes virtuais. Tempo este que poderia ser aproveitado olhando as belas paisagens que são invisíveis aos olhos hipnotizados na tela do celular. Quantas vezes, durante viagens, deixei de prestar atenção no belo enquanto era conduzido ao meu destino! Quanta gente deixei de admirar por estar preso à tecnologia! Virei um autômato sem empatia! Pois assim somos quando deixamos a realidade ao entorno para nos ensimesmar no fantástico mundo virtual. Bem, hoje estou off line, sem *facebook*, sem *instagram*, sem *whatsapp*, quase sem CEP, mas para mim, hoje está sendo uma boa oportunidade de ver o mundo lá fora tal qual ele realmente é.

## AQUILES

A pele  
Em pelo  
Noutra pele  
Apela  
O elo

A pele  
Em pelo  
Noutro polo  
Depila  
O peito

A pele  
Em pelo  
Noutro poro  
Debela  
O fogo

A pele  
Em pelo  
Noutra parte  
Despela  
A carne

A pele  
Em pelo  
Numa tarde  
Descarna  
O outro

A pele  
Em pelo  
Camuflada  
Descora  
Descama

A pele  
Em pelo  
Depena  
Em pena  
A tessitura  
E a trama

A pele  
Em pelo  
Tornozelo  
De Aquiles  
Desfalecer  
De quem ama.

# Mércia Christani

## POETA

*Homenagem à poeta Maria José Bulhões Maldonado  
(no seu falecimento)*

A poeta morreu. Morreu?  
Não. A poeta não morreu.  
Está encantada.  
Transfigurou-se numa estrela  
Cuja luz não se apaga.

Ela era como um cometa:  
Lépida, muito ligeira e a todos acompanhava,  
tão solidária que era...

Por todos se interessava, com todos se importava.  
Fazia versos em profusão,  
Ricos em rima, ricos de vida, ricos de emoção.

Era pequenina na estatura  
E gigante na alma.  
Seu olhar caleidoscópico o mundo poeticamente decifrava,  
E numa interpretação pura  
Muitas vezes lhe perdoava.

A poeta se foi. Estrela se tornou.  
Saudade, vazio, orfandade...  
Como aliviar esse vazio?  
Sorvendo seus versos como um bom vinho...

E, extasiado, a cada gole uma descoberta,  
A cada gole um deslumbramento...  
E a certeza de um encantamento.

# Regina Vilarinhos

## UMA EREMITA URBANA

Desapeguei. Partí. Caminhei em outra direção.  
Falo só para mim. Escrevo só para mim.  
Minha casa e meu café, alguns poucos amigos e amigas.  
Minhas plantas e meus quadros.  
Poesia em volta de mim só meus livros, meus discos e meus bichos.  
Nada mais?  
Os sabores que faço, os ventos que me sugerem cantos, os perfumes e sons que entram pela minha janela.  
O que se quiser dizer, que se diga.  
O que se quiser julgar, que se julgue.  
Suportarei o convívio comigo mesma.  
Sem medo da doce solidão sem tédio.  
A elegância do céu azul ou cinza, eu escolherei para meus dias.  
A companhia das estrelas.  
O que será escuro não será significado de noite para mim.  
E daqui a alguns anos ou meses, se quiser fazer tudo de novo, eu faço.  
Desapeguei de algumas datas.  
Que eu seja cada vez mais a energia que produz paz; que eu seja cada vez menos a justificativa dos outros.  
Quero ser para mim o que tenho me pedido desde a adolescência.  
“Nonada”. E depois dela, um todo de mim.



# Rodrigo Hallvys

## QUANTIDADE

Quanto você dispõe seu amor?  
Se vive com pedras nas mãos.  
Quanto você busca ser amigável?  
Se sua impaciência distrata a todos.

Quanto você trabalha pela paz?  
Se por onde passa arruma confusão.  
Quanto você quer receber bênçãos?  
Se em tudo demonstra ingratidão.

Quanto você contagia de alegria?  
Se abre a boca só para reclamação.  
Quanto você é democrático?  
Se você não respeita outra opinião.

Quanto você realmente tem fé?  
Se em tudo você põe negatificação.  
Quanto você quer ser feliz?  
Se só críticas você usa como expressão.

Quanto você tem de qualidade?  
Se nem em quantidade você tem noção.  
Quanto você já se conhecia?  
Se nem a si mesmo você propunha reflexão.

# Stael de Oliveira

## O SONO DE NARCISO

A luxúria que seduz  
O orgulho que cega  
A inveja que destrói  
A gula que não sacia  
A avareza que desgraça  
A ira que mata  
E a preguiça que aprova.

O jovem e belo narciso, filho do deus do rio, nasce da Ninfa Liríope e logo no seu primeiro suspiro de vida recebe dos oráculos uma profecia.

*“Narciso será muito atraente e terá uma vida longa. No entanto, ele próprio não poderá admirar sua beleza, ver seu rosto. Caso contrário, sua vida estará arruinada.”*

O egoísmo refletido no rio traz a figura do Narciso morto afogado no fundo de si mesmo... Sem condição de ver em torno... De olhar a sua volta...

Não podemos ser Narcisos afundados em nós mesmos. Mesmo sem rio... Sem beleza... Sem reflexo...

Não podemos ser Narciso, pois estaríamos presos dentro de nossos próprios rios de problemas, dentro de nossos eus... Dentro de nossos egos... De nossas resistências...

Narciso era belo e de que adiantou tanta beleza... Tanta soberba... Tanto egocentrismo... Se em nada conseguiu brotar...

Uma flor como resposta a sua morte, ela nasceu para fazer brotar em nossos corações a repugna por este sentimento que vive isolado em nós...

Que não troca... Que não doa... Não olha e por isso não se faz presente...

Pois não sente.  
Olha para si...  
Corre para si...  
Vive para si...  
E com isso morre por si.  
Pobres Narcisos...  
Tristes Narcisos...

Fracos Narcisos...

Lindos Narcisos...

Ignoras a própria vida

Pois não troca e com isso se esvazia

Não dialoga e com isso não preenche

Se isola e com isso se desvia

Tão pobre que não sabe seu valor

Tão triste que da beleza não se utiliza

Tão lindo que se afoga em sua própria imagem

Somos Narcisos? Precisamos ser Narcisos?

Nós não podemos nos perder... Precisamos nos encontrar para encontrar o outro... Não podemos nos perder...

Perder... Perder...

Você teme perder-se a si mesmo; e por isso escolheu os caminhos da agonia. Eles criam o ego; quanto mais você sofre, mais o ego se instala e toma conta de você... O ego faz com que você se sinta sólido; dá a sensação de que você está separado do todo.

O ego não pode existir sem um mar de sofrimento ao seu redor. O ego é como uma ilha num mar de sofrimento. Você está gostando do seu ego. Está fortalecendo-o constantemente, enfeitando-o, tornando-o mais valioso. Para conseguir se valorizar.

Acorde... Acorde... Você não pode dormir... Você não pode entrar neste sono!

A vida é o que você fizer dela, se você colocar um peso, ela vira um fardo. E você é obrigado a carregá-lo todos os dias, sem descanso.

A forma como você vê o mundo... Pois o mundo que você vê é o reflexo do mundo que está dentro de você. Quando você muda, o mundo muda.

*“Não distante de mim, doce ruído de água corrente vinha. De uma gruta saía aninfa e logo se espalhava em líquida planície, tão tranquila que outro céu tranquilo parecia. Com o espírito incerto caminhei e fui na verde margem repousar no lago e contemplar de perto as claras águas que eram, aos meus olhos, novo firmamento.”*

Somos todos Narcisos, sempre buscando um lago para refletir nossa própria imagem.

Cada um tem dentro de si um narciso demonstrado de alguma forma, aflorado em algum ponto... Mas ainda Narciso. Despertados de um sono, mas acordados em um pesadelo... Um pesadelo onde

todos estão afogados no seu próprio rio, mergulhados em seu reflexo...  
Submersos no egoísmo, na vaidade, na aparência e na paixão.

Vendo nas pessoas apenas o que existe dentro de si mesmo.

Projetando seu íntimo, enxergando nas pessoas o que se é.

A imagem mais profunda do seu interior... O reflexo da alma.

Depositamos nossa imagem em tudo que vemos...

E quando nossa imagem é tenebrosa? O reflexo é sombrio...

Narciso era belo, logo sua imagem também era bela.

Mas o que adiantou ser tão belo se nada fez com sua beleza... A não ser afogá-la...

Pobres Narcisos...

Tristes Narcisos...

Lindos Narcisos...

Narcisos da vaidade. Vaidade que me consome...

Narciso do orgulho. Orgulho que me devora...

Narciso do egoísmo. Egoísmo que destrói...

Narciso da aparência. Aparência que alimenta...

Narciso da paixão. Paixão que sacia...

Sacia?

Identificando o lado narcisista existente em nós mesmos, fazemos  
olhar para fora para enxergar dentro...

Tirando a venda dos seus próprios erros, enxergando suas próprias  
mazelas ao se dar a oportunidade de olhar para o outro... Sem seguirmos  
cegos na escuridão da morte... Que nós próprios criamos... Na solidão  
dos dias que nós próprios acreditamos.

Todos Narcisos da modernidade! Porém vazios de humanidade

Pobres Narcisos... Tristes Narcisos...

Todos Narcisos da atualidade! Porém vazios de humildade

Lindos Narcisos... Fracos Narcisos...

Nada fez brotar... Nada revelou... Apenas se afogou em ego. E por  
vezes nos afogamos nas próprias lágrimas que nos ofuscam os olhos,  
fazendo-nos não ver a solução que pode estar no amor... Tão simples...

Não sejam Narcisos. Acordem o Narciso de dentro de vós... Antes  
que seja tarde demais... Antes que se afoguem no seu próprio rio de  
lágrimas.

Eu sou Narciso, filho do deus do rio e da Ninfa Liríope.

Eu sou Narciso, o jovem belo que atrai a atenção de todos.

Eu sou Narciso, fadado a não ver meu rosto, proibido de ver quem sou.  
Eu sou Narciso, apaixonado pela minha própria imagem.  
Eu sou Narciso, afogado no meu próprio reflexo.  
Eu sou Narciso, morto pelo egoísmo.

O mundo dorme... É o sono de Narciso. Mergulhado em seu egoísmo, em sua luxúria, em seu orgulho, em sua inveja, em sua gula, em sua avareza, em sua ira e sua preguiça.

O mundo não é um parque de diversões, onde tudo passa, como numa roda gigante... O trem fantasma ruma para o abismo...e passeamos em carrossel.

E dormimos.

Com direito a lexotan, rivotril, alprazolam e as drogas mais ilícitas, roncamos! Sem nos darmos conta de que existe o outro do outro lado de nós.

Com direito a depressão, síndrome do pânico e desvio de personalidade... Dormimos para satisfazer nosso próprio ego...

Cegos, sem ver o outro do outro lado de nós.

E ainda queremos sonhar, no nosso sono egoísta, e ainda queremos descansar...

É o sono de Narciso.

O sono sem culpa.

O sono da indiferença.

Que virará pesadelo caso não acordemos.

A existência corre...

E Narciso dorme... Ficou para traz. Não viu o sol que nascia para todos do outro lado de si. E não viu a luta daqueles que já acordaram e conseguiram se livrar da venda que lhes cobria o mais verdadeiro dos sentidos.

A luxúria que seduz

O orgulho que cega

A inveja que destrói

A gula que não sacia

A avareza que desgraça

A ira que mata

E a preguiça que aprova.

## DADOS BIOGRÁFICOS

(autores em ordem alfabética)

**Angeli Rose** é PhD em Educação e Letras (UFRJ), Presidente do Instituto Internacional Cultura Em Movimento(IICEM); Fundadora e Coordenadora do Coletivo Mulheres Artistas(CMA); Diretora de Eventos e Divulgação da AJEB; membro de associações e academias de Letras, Artes Ciências (AVL/AILB/FEBACLA, entre outras). Autora de *Biografia Não Autorizada de Uma Mulher Pancada* e de *Reflexões sobre experiências de leitura e algumas contribuições do mito de Don Juan*; e *Jornalismo Cultural: Um exercício de Valor*, coautora de antologias nacionais e internacionais e colunista do JCB (digital). Tem recebido vários prêmios e títulos honoríficos em reconhecimento.

**Charles Nunes** é professor e escritor.

**Edmilson Naves de Oliveira**, reside em Resende – RJ, escreve contos curtos, crônicas e poemas. Sua obra literária está dividida em 06 E-books e 17 obras impressas entre livros e livretos. Tem também no seu currículo literário 02 livretos de história infantil de muito sucesso (O passeio das formigas / Nani – A lagartixa urbana). Vencedor de vários concursos nacionais e organizador de alguns com participações internacionais de língua portuguesa. Cronista de um jornal local, e também mantém um jornal virtual sobre literatura (Sebo do Edy). É membro correspondente, cadeira 09 da Academia Volta-Redondense de Letras.

**Elisa Carvalho** é poeta, compositora e promotora de eventos culturais relacionados a literatura, trabalha na área de educação infantil na Prefeitura Municipal de Barra Mansa e se apresenta em espetáculos de violão e poesia pela região sul fluminense.

**Elyane Lacerda**, professora de língua Portuguesa com Especialização: Produção Textual/Docência do Ensino Superior. Possui 9 livros já editados: *Além das palavras, Sensações vizinhas, Entre infinitos, Poemas do acaso, Emoções Selvagens, Tecendo a Vida, Habeas Corpus, Eu e Outras* e *Dentro de Mim*. Premiada pela Academia Brasileira de Letras nos anos de 2001 e 2002 no concurso de redação para professores, entre outras premiações na região! Membro fundador da Academia Volta-redondense de Letras, ocupando a cadeira de número 11 e membro da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil, ocupando a cadeira de número 08.

**Giovani Miguez** é escritor, poeta, filosofante e caminhante. De Volta Redonda, RJ. Atualmente vive na capital fluminense. É formado em Gestão Pública (UGB, 2008) com extensão em jornalismo de políticas públicas (ECO/UFRJ, 2009), especialista em Sociologia (UGF, 2010) e mestre e doutorando em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ, 2016). Autor de "Quase Histórias: Est(éticas) Existenciais" (Autografia, 2019); "Animal Poético: Diário Est(ético)" (Multifoco, 2020); "Da Ilha da Poesia" (com Ricardo Garcia, Selin Trovoar, 2020); "Um Poema por Dia" (Selin Trovoar, 2020); "Nem te conto e outros contos" (Selin Trovoar, 2021), "Em terceira pessoa e outros poemas" (Outra Margem, 2021) e "Na escuridão da travessia", poesia – 2 vols. (Selin Trovoar, 2022).

**Guto Mello** (Djalma Augusto dos Santos Mello), é historiador, Graduado em Ciências Sociais pela UGB – Centro Universitário Geraldo de BIASI, especialista em História do Brasil no século XIX também pelo Centro Universitário Geraldo de BIASI, participou do Seminário sobre a História Cultural do Vale do Café na Universidade de Vassouras-RJ, é membro do grupo de estudos de História Intelectual na UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, participou do Colóquio Joanino. D. João VI no Brasil entre 1808-1821 pela Universidade de Lisboa. É membro da AVL – Academia Volta-redondense de Letras, da Rede Sem Fronteiras que tem a sua sede em Lisboa e da ALALS – Acadèmie de Lettres et Arts Luso-Suisse com sede em Genebra, Suíça.

**Jean Carlos Gomes** nasceu em Volta Redonda em 4.11.79. Em 1998 lançou o seu primeiro livro *Bolas de Sabão* – sonetos e poemas, em parceria com Pedro Viana Filho. É poeta, editor e pertence a várias instituições, tais como Academia Barramansense de História, atual vice-presidente. Já recebeu inúmeras distinções pelos seus méritos culturais e sociais. Milita na Comunicação desde 2002. Em 2006 criou sua própria marca editorial: a PoeArt Editora, pela qual é o idealizador das Antologias Poéticas de Diversos Autores – *Vozes de Aço* (já no XXIV volume), das *Coletâneas Século XXI* (já no XII volume) e *Viagem pela Escrita* (já no IX volume) dentre outros títulos solos e coletivos, totalizando mais de 70 livros publicados tornando-se o escritor/editor com maior número de publicações próprias na região. Dentre os já homenageados por suas contribuições literárias, em seus livros (ou em entrevistas), estão escritores de renome nacional e regional. Já realizou mais de 30 concursos literários de poesia de âmbito nacional. É colunista do site Olho Vivo – [www.olhovivoca.com.br](http://www.olhovivoca.com.br) desde 2013. Foi agraciado pela

Câmara Municipal de Volta Redonda com o Diploma e a Medalha de Mérito Legislativo jornalista Dicler Simões pelo seu Conjunto de Obra Literária em 2016. Entre alguns títulos publicados, destaque para as edições do *Cardápio Poético* (duas edições), *Canto a minha cidade* – homenagem a Volta Redonda e *Canto a minha cidade* – homenagem a Barra Mansa, ambos de poesias e fotografias em 2020. Sua obra *Poemas (quase) guardados & Poemas a gosto* lançado em 2021 foi contemplada pela Lei Aldir Blanc do Governo Federal de 2020.

**José Huguenin** é natural de Cantagalo – RJ, nasceu em 09 de fevereiro de 1978, é Doutor em Física e professor da Universidade da Federal Fluminense em Volta Redonda – RJ, onde mora. Apaixonado por literatura, leitor ardoroso, escreve desde a adolescência tendo sido laureado em vários prêmios literários de poesias e contos. Participou de várias antologias. Tem livros publicados nos gêneros poesia (*Vintém* – 2013, *Experimentos poéticos*-2016, *Koiab*-2019 e *Poemas de tempos de cólera* - 2021), crônicas (“*De manga a jiló provei na terra onde me batizei*”- 2014), Ensaio “*Estranhezas e mitos da Mecânica Quântica*”- 2014), contos (“*A parede & outros contos*” – 2015), fotografia (“*Raio de sol*” - 2019) e romance (“*O vaqueiro e o jornalista*” - 2018). Teve em 2015 o conjunto de poemas “*O movimento das palavras*” publicado na Revista Brasileira, tradicional publicação da Academia Brasileira de Letras – ABL. É Membro efetivo da Academia Volta-redondense de Letras (AVL). Foi Coordenador Editorial da AVL e atualmente é seu Presidente.

**Lee Brasil** é professora por formação, leitora voraz e escritora, Aline Brasil Quadros, ou Lee Brasil, é natural da Cidade do Aço e trabalha na rede pública de ensino há mais de 30 anos. Graduada em Letras, é também especialista em Linguística Aplicada à Língua Materna, Pedagogia e Docência do Ensino Superior. Eleita para ocupar a cadeira 35 da Academia Volta-redondense de Letras, sua veia literária sempre pulsou poesia, o que lhe rendeu reconhecimento em diversos concursos da região. Aventura-se, outrossim, na produção de crônicas e textos acadêmicos.

Tem participado de diversos eventos, coletâneas, concursos literários e congressos. No momento, desenvolve o projeto de seu primeiro livro de poesias e acredita na força da divulgação da arte literária nas redes sociais.

**Leonor Vieira-Motta.** Nasceu em Volta Redonda (RJ), 1959. Tem publicados três livros de poemas: "Meu tempo" (1980), "Vero brilhante" (2005) e "Rio Paraíba do Sul – Água de viver" (2007). Está incluída em antologias poéticas e colabora com poemas e crônicas em jornais e revistas literárias.



**Lourildo Costa** nasceu em Volta Redonda, RJ, em 1º de agosto do ano de 1957. É casado com Eliane Magalhães Leite Costa e pai de um casal de filhos. Possui Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa/Literatura, 1980; bacharel em Direito, 2004, pelo Centro Universitário de Barra Mansa – UBM. É aposentado da CSN. É professor da rede estadual de ensino – SEEDUC/RJ. Autor de seis livros: “As Drogas e o Aniquilamento da Sociedade” (2008); “O Padrão Bíblico para a Família” (2010); “Os Frutos de Minh’ alma” (2017); “Pelos Quatro Cantos: Contos” (2018); “Pelos Quatro Cantos: Crônicas” (2019); “Pelos Quatro Cantos: Fábulas” (2021). É vice-presidente da Academia Voltarredondense de Letras – AVL – cadeira nº 03 e Membro Correspondente da Academia Evangélica de Letras do Brasil – AELB. Membro do Grêmio Barra-mansense de Letras – GREBAL.

**Lucia Araujo** é pedagoga. Premiada em primeiro lugar no Concurso Literário de São João Marcos com o conto: A História de São João Marcos Vista por um Caipora. Premiada em primeiro lugar no Primeiro Concurso Literário do Clube dos Funcionários de Volta Redonda com o conto: A Porta Fechada. Premiada em segundo lugar no Concurso Prosa e Verso XXII Grêmio Barramansense de Letras (Barra Mansa). Premiada em primeiro e terceiro lugar no concurso de Poesia de Pinheiral – RJ Lei Aldir Blanc com as poesias: Arvrão e Saudade. Autora do Livro: *As Lendas de Bernardo*. Participante de cinco Antologias PoeArt Editora.

**Márcio do Nascimento Castilho** nasceu em Duque de Caxias no dia 04 de novembro de 1974. Em 1988 mudou-se para Volta Redonda, onde reside atualmente. Cursa Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFRJ. É funcionário público e colunista correspondente do jornal cultural Rol. Suas primeiras publicações textuais foram em jornais alternativos de Brasília na década de 80. Já participou de diversos projetos e antologias literárias. É membro da AVL, AMCL, SBPA, ACL, ACILBRAS, AIL e FEBACLA. Participou do grupo “Sarau de Todos Os Tempos” divulgando seus trabalhos nos meios acadêmicos e outras instituições. Recebeu, pelo jornal Olho Vivo, os prêmios nas categorias Melhor livro (2019) e Melhor Poeta (2020). Seu soneto, “Angústia de Narciso”, garantiu sua vitória em 2 concursos literários. Em 2021, através de enquete popular realizada pelo jornal Olho Vivo, sua obra ‘De Todas As Tribos’, conquistou a posição entre os 3 melhores livros do ano.

**Mércia Christani** é professora aposentada, advogada militante, com participação em movimentos literários desde 1968. Colaborou com artigos literários e jurídicos em jornais. Participou e participa de várias coletâneas. Recebeu premiações de poesias em Minas Gerais, Niterói e Volta Redonda. Foi membro fundador e presidiu Academia Volta-redondense de Letras de 2012 a 2019. Livro solo: *Andanças do coração*.

**Regina Vilarinhos** é poeta. Publicou o livro "A chave e a senha - pequenas porções de poesias de Regina Vilarinhos", 2008. Foi finalista entre os "100 melhores poemas do Twitter", em 2010 e 2013, na FLIPORTO-PE. Membro da Academia Volta-redondense de Letras, ocupa a cadeira 4. Coordenou o Projeto Poesia em Volta e se apresentou em Volta Redonda e cidades na nossa região. Prêmio Olho Vivo de melhor poeta em 2015. Foi Coordenadora de Projetos na Biblioteca Municipal Raul de Leoni, 2017. Obra "Todo dia eu quero".

**Rodrigo Hallvys** é autor dos livros 'O dia D' (2018), 'Epitáfio do amor' (2019), 'Tatos e digitais' (2020) e 'Nossas vidas' (2021).

**Stael de Oliveira.** Fundadora e Diretora da Cia de Teatro Arte em Cena – Completando 33 anos de Fundação em 2022 - Fundada em 1989; Pós Graduada em Arteterapia pela IncorporAR-TE RJ; Graduada em Educação Artística com Extensão Universitária em Arte Educação; pela FATEA-Lorena SP; Licenciada em Pedagogia pela "Fundação Rosemar Pimentel - RJ; Atriz e Diretora de Teatro Profissional com DRT pelo SATED - Delegada do SATED-RJ 2004/2005; Dramaturga e Escritora Membro da AVL; Membro da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil; Consultora e professora de Interpretação Teatral em empresas; Diretora do Curso de Teatro Arte em Cena no GACEMSS, com 22 Edições de Festivais de Teatro desde 2000: Classificada entre os melhores espetáculos do Estado e do País em festivais como: FETAERJ, VIOLETA DE PRATA, FESTIVAL DE CAXIAS E FETO BH – Com prêmios em diversas categorias.

## MEMBROS EFETIVOS

<b>Cadeira 1 – José Pedroza</b>	<b>Cadeira 21 – Mário Carneiro</b>
<b>Cadeira 2 – Elisa Carvalho</b>	Cadeira 22 – Vacante
<b>Cadeira 3 – Lourildo Costa</b>	<b>Cadeira 23 – Renato Barozi</b>
<b>Cadeira 4 – Regina Vilarinhos</b>	<b>Cadeira 24 – Maestro Caaraüra</b>
<b>Cadeira 5 – Isaque Fonseca</b>	Cadeira 25 – Vacante
<b>Cadeira 6 – Stael de Oliveira</b>	Cadeira 26 – Vacante
<b>Cadeira 7 – Mércia Christani</b>	<b>Cadeira 27 – Guto Mello</b>
<b>Cadeira 8 – Tarcísio Cavaliere</b>	Cadeira 28 – Vacante
Cadeira 9 – Vacante	<b>Cadeira 29 – Jean Carlos Gomes</b>
<b>Cadeira 10 – Giovana Damaceno</b>	<b>Cadeira 30 – Natalia Lucinda</b>
<b>Cadeira 11 – Elyane Lacerdda</b>	<b>Cadeira 31 – Icléa Goulart</b>
<b>Cadeira 12 – Sara Bentes</b>	<b>Cadeira 32 – Márcio Castilho</b>
<b>Cadeira 13 – Luiza Pettersen</b>	<b>Cadeira 33 – Kika Monnteiro</b>
Cadeira 14 – Vacante	<b>Cadeira 34 – Ettore Dalboni</b>
<b>Cadeira 15 – Charles Nunes</b>	<b>Cadeira 35 – Lee Brasil</b>
<b>Cadeira 16 – Leonor Vieira-Motta</b>	<b>Cadeira 36 – Rodrigo Hallvys</b>
<b>Cadeira 17 – José Huguenin</b>	Cadeira 37 – Vacante
<b>Cadeira 18 – Aline Reis</b>	Cadeira 38 – Vacante
<b>Cadeira 19 – Thiago Ferreira</b>	Cadeira 39 – Vacante
Cadeira 20 – Vacante	Cadeira 40 – Vacante

## MEMBROS CORRESPONDENTES

- Cadeira 1 – Cristóvão Cursino
- Cadeira 2 – Flavio Chame Barreto
- Cadeira 3 – Celso Ricardo de Almeida
- Cadeira 4 – Wanderson Siqueira
- Cadeira 5 – Angeli Rose
- Cadeira 6 – Brasilino Neto
- Cadeira 7 – Alexandre Diniz Gomes
- Cadeira 8 – Claudia Lundgren
- Cadeira 9 – Edmilson Naves
- Cadeira 10 – Giovani Miguez
- Cadeira 11 – Lucia Araujo
- Cadeira 12 – Mauri Alves da Silva
- Cadeira 13 – Robson Chaves
- Cadeira 14 – Rogerio Veiga